



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E AGRÁRIAS – CCHA  
DEPARTAMENTO DE LETRAS E HUMANIDADES – DLH  
LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

**RITA MARIA CARDOSO GOMES**

**ASUPERAÇÃO DE LIESEL MEMINGER NO ROMANCE *A MENINA QUE  
ROUBAVA LIVROS*: UMA LEITURA SOB O PONTO DE VISTA SOCIAL**

**CATOLÉ DO ROCHA – PB  
2017**

**RITA MARIA CARDOSO GOMES**

**A SUPERAÇÃO DE LIESEL MEMINGER NO ROMANCE *A MENINA QUE ROUBAVA LIVROS*: UMA LEIURA SOB O PONTO DE VISTA SOCIAL.**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Departamento de Letras e Humanidades da Universidade Estadual como um dos requisitos para a obtenção do título de graduada em Licenciatura Plena em Letras.

Orientadora: Profa. Ma. Maria Fernandes de A Praxedes

**CATOLÉ DO ROCHA – PB  
2017**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

G633s Gomes, Rita Maria Cardoso.  
A superação de Liesel Meminger no romance A menina que roubava livros: uma leitura sob o ponto de vista social. [manuscrito] : / Rita Maria Cardoso Gomes. - 2017.  
29 p.

Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Agrárias, 2017.  
"Orientação : Prof. Me. Maria Fernandes de Andrade Praxedes , Departamento de Letras e Humanidades - CCHA."

1. Liesel Meminger. 2. Desordem social. 3. Superação. 4. Leitura. 5. Romance contemporâneo.

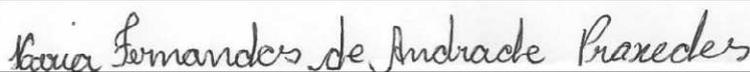
21. ed. CDD 302.23

RITA MARIA CARDOSO GOMES

**A SUPERAÇÃO DE LIESEL MEMINGER NO ROMANCE *A MENINA QUE ROUBAVA LIVROS*: UMA LEITURA SOB O PONTO DE VISTA SOCIAL**

Aprovada em: 13 /12 / 2017

BANCA EXAMINADORA



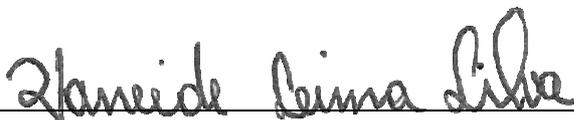
---

Profa. Ma. Maria Fernandes de Andrade Praxedes (orientadora)  
Universidade Estadual da Paraíba – UEPB



---

Profa. Ma. Marta Lúcia Nunes (examinadora)  
Universidade Estadual da Paraíba – UEPB



---

Profa. Dra. Vaneide Lima Silva (examinadora)  
Universidade Estadual da Paraíba – UEPB

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, pela minha família, amigos e, acima de tudo, pela atribuição da vida.

À minha avó, Maria Izabel, por ter acreditado em meus sonhos, e mesmo não entendendo meu amor demasiado pelos livros, e sem questionar demonstrou toda a sua confiança em mim.

Ao meu tio e segundo pai, Francisco de Assis, que foi e sempre será minha inspiração, foi ele quem me motivou nas horas de desconforto e fadiga e esteve sempre à minha disposição, sanando minhas dúvidas e dando-me conselhos valiosos.

Ao meu irmão, Kleiton Maciel, que por vezes cedeu-me seu computador com todo carinho e compreensão para que eu pudesse fazer minhas pesquisas e elaborar meus trabalhos.

À minha mãe, Eugênia Maria, que mesmo longe me incentivou a prosseguir com meus estudos, e sempre que podia, contribuía de alguma forma para que eu conseguisse chegar até aqui, com palavras afáveis e de estímulo.

A toda a minha família, pelo apoio infundável e compreensão aos meus arroubos de ansiedade, obrigada por não desistirem de mim.

A cada um dos meus professores, àqueles que passaram pela minha vida acadêmica e colaboraram com a minha formação intelectual.

Em especial à professora Ma. Maria Fernandes Praxedes, que com toda a sua calma e compreensão, ajudou-me no desenvolvimento e conclusão deste trabalho, sanando minhas dúvidas e tirando-me dos meus devaneios exagerados, orientando-me brilhantemente e colocando-me no caminho certo.

Nunca é tarefa fácil agradecer, pois parece algo simplório e forçado, e, sem dúvida, opressor, pois acabamos deixando alguém de lado, não porque queremos, mas por termos uma memória falha. Por isso, abrangendo a todos que um dia passaram na minha vida; agradeço-vos de coração por contribuir para o meu desenvolvimento como pessoa, tanto direta como indiretamente, o meu mais sincero agradecimento!

*“E o que o ser humano mais aspira  
é tornar-se ser humano”.*

*LISPECTOR, Clarice.*

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>07</b>
<b>2</b>	<b>SEGUNDA GUERRA MUNDIAL: O MUNDO EM CRISE.....</b>	<b>09</b>
	2.1 O holocausto: tempos de pesadelo.....	12
<b>3</b>	<b>A <i>MENINA QUE ROUBAVA LIVROS</i>: CONTEXTO, REALIDADE E FICÇÃO.....</b>	<b>15</b>
<b>4</b>	<b>A EVOLUÇÃO DE LIESEL MEMINGER SOB O PONTO DE VISTA SOCIAL.....</b>	<b>19</b>
<b>5</b>	<b>COSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>26</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>28</b>

# A SUPERAÇÃO DE LIESEL MEMINGER NO ROMANCE *A MENINA QUE ROUBAVA LIVROS*: UMA LEITURA SOB O PONTO DE VISTA SOCIAL

RITA MARIA CARDOSO GOMES<sup>1</sup>

## RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo refletir sobre as adversidades e a evolução da trajetória da personagem Liesel Meminger dentro do romance contemporâneo *A Menina que Roubava Livros*, do escritor australiano Markus Zusak. Ambientada no contexto da Segunda Guerra Mundial, cujo fervor e desordenamento social assolavam o mundo, a história ganha relevo a partir das perdas, sofrimentos e superação da menina. De caráter bibliográfico e descritivo, o referente estudo apoiou-se nas orientações teóricas de Bourneuf e Ouellet (1976), Candido (1980-2011), Benjamin (1985), dentre outros. O resultado final aponta que mesmo diante das mais fervorosas catástrofes é possível reverter o caos e vencer os medos, para isto é preciso contar com o apoio irrestrito de pessoas humildes, dispostas a restituir a dignidade humana e, principalmente, amparar-se nos livros, pois a leitura, no caso específico localizado neste romance, desponta como um instrumento que liberta das amarras e opressões de uma sociedade em desordem.

**Palavras-chave:** Liesel Meminger. Desordem social. Superação.

---

<sup>1</sup> Aluna do Curso de Licenciatura Plena em Letras da Universidade Estadual da Paraíba – Campos IV.  
E-mail: Ritinha\_sbm@gmail.com

## 1. INTRODUÇÃO

A personagem romanesca é demasiada complexa, pois além de está diretamente ligada à narrativa, também possui grande carga dramática, sendo relacionada como um ser real, que não pode ser separado do enredo e ambiente social, pois é responsável pelo fluxo dos fatos. Além disso, é a personagem quem “decide” o que acontecerá na narrativa, suas ações e reações dão profunda vivacidade aos fatos relatados.

A interação da personagem e seu ambiente de inserção a caracteriza diretamente; é o espaço o responsável pelas ações e reações da personagem diante das provações, as quais a personagem será submetida. Sendo assim, diante do espaço que habita a personagem romanesca, sobre descrições amplas no decorrer da narrativa, acaba tomando para si uma identidade própria e existencial, imprimindo uma verossimilhança à história de ficção.

Muitas vezes as obras de ficção encontram na história fatores que podem contribuir para sua narrativa, e uma obra que se preze procura atender e relatar com profunda sensibilidade e respeito acontecimentos reais, sem exceder nenhum fato ou deixá-lo paradoxal ao ponto de duvidarmos de sua existência. A composição de uma narrativa e de suas personagens, assim como o seu contexto, é primordialmente essencial, por isso não deve ultrapassar os limites que podem torná-la irreal e inescrupulosa.

A Segunda guerra Mundial, por exemplo, ainda é um marco recente na história, uma ferida aberta que dificilmente um dia será esquecido; milhares de pessoas sofreram perdas, a liberdade e a vida, e os atos descritos nos dias atuais produzem os pesadelos da condição humana. É dentro deste contexto que a história de *A Menina que Roubava livros* é desenvolvida, sobre um viés poeticamente diferente, trazendo para o conhecimento do leitor fatos fictícios inspirados na história real.

No romance é possível contemplar a minúcia com a qual a obra foi escrita, assim como a criação da protagonista, além da construção da narrativa singela, mas fortemente distintiva. Diante disso, impelidos pelos questionamentos acerca de tais traços, nos interessa refletir sobre as adversidades e superação da personagem do

referido romance sob a ótica do contexto social da época em que ele foi produzido, ressaltando os percalços pelos quais a personagem enfrenta ao longo da narrativa.

Sendo assim, perante o exposto, procuraremos, por meio de interpretação analítica, nos valer de respaldo teórico de autores que abordam a temática, buscando elucidar ao questionamento-chave da nossa pesquisa: Quais fatores contribuíram para o crescimento como pessoa pensante e atuante da personagem Liesel Meminger dentro da obra contemporânea *A Menina que Roubava Livros*, e como o ambiente e os livros a influenciaram?

Para a construção deste trabalho, recorreremos a uma consulta teórico-crítica de caráter bibliográfico e descritivo, pois nos valem de estudos de críticos e estudiosos para selecionar e levantar a literatura que serviu de suporte para a constituição dessa pesquisa, e tem como as principais referências Bourneuf e Ouellet (1976), Candido (1980-2011), Benjamin (1985), Brait (1985), entre outros.

Vale destacar, contudo, que esta pesquisa se justifica a partir da relação afetiva da pesquisadora com a obra, que durante as releituras questionou o texto e ficou sensibilizada com a história da menina que roubava livros. Com isso, o que antes parecia apenas uma leitura deleite, transformou-se em leitura crítica diante do corpus desse estudo.

Assim, nosso trabalho está estruturado da seguinte maneira: no primeiro momento nos ocupamos a relatar o contexto da obra, ressaltando os fatores que contribuíram para a eclosão da segunda guerra mundial; na sequência apontamos alguns aspectos sobre a construção da personagem de ficção, bem como de outros elementos constituintes da narrativa como enredo, espaço e ambiente social; e, por fim, conjeturamos sobre a personagem Liesel Meminger dentro do romance e no contexto externo da obra – a Segunda Guerra Mundial, atentando, principalmente, para os conflitos e a superação desses ao longo da trajetória da menina.

## **2. SEGUNDA GUERRA MUNDIAL: O MUNDO EM CRISE**

Entre 1939 e 1945 uma crise catastrófica assolou o mundo: a Segunda Guerra Mundial. O grande responsável pela eclosão da guerra pode ser apontado como o

Tratado de Versalhes<sup>2</sup>, que causou descontentamento ao povo alemão, os quais viam tal tratado como uma afronta ao seu país. A insatisfação da população e a crise econômica de 1929 trouxeram o extremismo político que se propagou por toda a Alemanha, cujos grupos políticos mais radicais estavam em crescimento e o prestígio do Partido Nacional-Socialista<sup>3</sup> estava em evidência. Sobre esse contexto de confronto e desequilíbrio, Arruda e Piletti (2002, p. 360) afirmam que:

Os nazistas passaram a fazer comícios, gigantescas paradas e desfiles das SA e SS. Criticavam os democratas, os marxistas e acima de tudo os judeus. Prometiam trabalho aos desempregados, contenção dos preços, luta contra o socialismo e o grande capital. E, para toda população alemã, prometiam a destruição das imposições do Tratado de Versalhes. Hitler surgia como o catalisador da luta contra o bolchevismo. Empresas capitalistas passaram a dar-lhe apoio financeiro a partir de 1932.

A situação política da Alemanha era mais instável que nunca. De 400<sup>4</sup> mil membros em 1928, o Partido Nazista passou, em 1930, ao número de 1,5 milhão de membros, cujo 2,3% de votos subiu ao patamar de 18,3%, elegendo neste mesmo ano 107 deputados, contra 77 comunistas. Em 1932, nas eleições legislativas, o Partido obteve 37,3% dos votos, elegendo 230 deputados, representando a maioria do Parlamento. No ano de 1933, Adolf Hitler foi nomeado chanceler pelo então presidente Hindenburg.

A ascensão de Adolf Hitler ao poder consolidou o Partido Nacional-Socialista, o Nazismo, culpado por todos os atos de atrocidades presentes na Segunda Guerra Mundial, como: eliminação das forças dissidentes, perseguição aos judeus e proibição da liberdade de expressão. “Os alemães acreditavam na necessidade de reagir à humilhação dos inimigos e de retornar à pureza de sua etnia. Só um grupo homogêneo seria capaz de reerguer o país e recuperar sua identidade”. (CAPELATO; D’ALESSIO, 2004, p. 43-44, apud SILVA, 2012, p. 5).

A política defendida por Hitler visava reorganizar o mercado mundial, cuja divisão encontrava-se, desde a Primeira Guerra, entre os países da França, Bélgica, Reino Unido, Holanda, Itália, Japão e Estados Unidos. O reordenamento colonial,

---

<sup>2</sup>O Tratado era um acordo de paz assinado pelos países europeus ao final da Primeira Guerra Mundial, o mesmo foi firmado em 28 de junho de 1919 e ratificado pela Liga das Nações em 10 de janeiro de 1920.

<sup>3</sup>Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães — Nazi (abreviado do alemão Nationalsozialist), antigo Partido Trabalhista Alemão.

<sup>4</sup> Informações retiradas do livro “Toda a história: história geral e história do Brasil”, dos autores José Jobson de A, Arruda e Nelson Piletti.

regido por um novo governo e novas leis, e as produções de carvão e ferro da Sibéria, como também o trigo da Ucrânia e o petróleo da Romênia eram os principais alvos de Adolf Hitler para a concretização dos seus planos.

Com a crise do capitalismo uma guerra tarifária entrou em vigor. A produção mundial sofreu uma queda de 40%<sup>5</sup>, as produções de ferro caíram 60%, a do aço 58%, a do petróleo 13% e a do carvão 29%. O desemprego atingiu um número alarmante, sendo 6 milhões na Alemanha, 2 milhões e meio na Inglaterra, 11 milhões nos Estados Unidos. Com exceção da URSS<sup>6</sup>, que colocava em prática o 3º plano quinquenal, todos os continentes passaram por dificuldades, onde a miséria e o desemprego imperavam.

Devido ao contexto caótico em que o mundo se encontrava, a Alemanha, no ocidente, e o Japão, no oriente, tentaram explorar seus rivais. Portanto, a luta por mercados e fontes de matéria-prima é o que acabaria levando o mundo à Segunda Guerra Mundial. Adolf Hitler aproveitava-se da situação econômica para fortalecer seu sistema de alianças, e, assinou em 1936, o Pacto *Anti-Komintern* com o Japão cuja finalidade era conter a União Soviética e a ação da Internacional Comunista. A Espanha, Itália e Hungria aderiram logo em seguida.

Desde a sua ascensão ao poder, o ditador alemão atuou incisivamente e em menos de um ano sufocou todos os movimentos oposicionistas dando início à Revolução Nacional-Socialista, que tinha como principal finalidade a retomada da Alemanha como potência europeia. Entretanto, para isto, o rompimento com o Tratado de Versalhes foi necessário, uma vez que este impedia a conquista do reordenamento. Em pouco tempo, o domínio nazista cresceu em toda a Europa.

A Polônia, tomada em 1º de setembro de 1939, sediou o governo-geral, e foi palco das principais atrocidades sofridas pelos judeus, cuja perseguição maciça fora iniciada nesta época. Era na Polônia que se encontrava o principal campo de concentração da Segunda Guerra Mundial; *Auschwitz-Birkenau*<sup>7</sup>. “No auge de sua ‘produção’, *Auschwitz-Birkenau* exterminava seis mil pessoas por dia nas câmaras de gás ou apenas pela fome”. (BRENER, 1998, p. 43-44, grifo do autor).

---

<sup>5</sup> Dados retirados do site “Cola da Web” em 08 de Junho de 2015.

<sup>6</sup> União das Repúblicas Socialistas Soviéticas. Era um país de cunho comunista formado em 1922 pela Rússia, Ucrânia, Bielorrússia, Transcaucásia, Estônia, Lituânia, Letônia, Moldávia, Geórgia, Armênia, Azerbaijão, Cazaquistão, Uzbequistão, Turcomenistão, Quirguizão e Tadjiquistão, cujo principal objetivo era o combate à polaridade capitalista.

<sup>7</sup> Nome da maior rede de campos de concentração, localizado ao sul da Polônia, e o maior símbolo do holocausto.

Diante do avanço alemão, todos os países ocupados pelos nazifascistas organizavam-se à Resistência, formado por organizações clandestinas nacionalistas que procuravam paralisar o inimigo por meio de ataques surpresas e sabotagem. Estes movimentos foram de suma importância principalmente na Iugoslávia, Grécia, França e Polônia. O ponto central da Guerra ocorreu em 1941, quando as forças alemãs decidiram invadir a União Soviética, enquanto os japoneses atacaram a base norte-americana de Pearl Harbor, no pacífico, em 7 de dezembro.

A entrada dos Estados Unidos foi indispensável, principalmente devido ao pacto do Eixo formado, inicialmente, pela Alemanha, Japão e Itália. Em janeiro de 1943, em Stalingrado, houve a derrota decisiva dos alemães na União Soviética. A batalha de Stalingrado pôs fim ao mito de uma Alemanha imbatível, e, conseqüentemente, definiu o destino da guerra. O fim da Segunda Guerra Mundial ocorreu em 1945, com o avanço das tropas norte-americanas, que praticamente eliminaram os japoneses do sudeste da Ásia, e bloquearam o acesso às fontes de matérias-primas e alimentos, provocando a fome e o colapso industrial no Japão.

Os principais alvos dos norte-americanos eram as cidades industriais, os Estados Unidos exigiam a rendição absoluta do Japão, porém isso não aconteceu. A guerra poderia prolongar-se devido às ações dos *camicasas*, que se atiravam com seus aviões sobre os encouraçados. Diante do impasse japonês os Estados Unidos decidiram por medidas drásticas e, em 6 de agosto, foi lançado sobre a cidade de Hiroshima a primeira bomba atômica, que matou em poucos segundos 100 mil pessoas. Três dias depois outra bomba foi lançada na cidade de Nagasaki, tendo como total de vítimas mais de 200 mil pessoas, pondo fim à resistência japonesa.

## 2.1. O holocausto: tempos de pesadelo

Uma das características mais marcantes do nazismo fora, sem dúvida, o racismo. A ideia de uma raça superior defendida pelos alemães, que acreditavam que deveriam dominar qualquer outra, foi levada ao extremo de promover o genocídio de milhões de pessoas. De acordo com Geary (2010, p. 101-102 *apud* SILVA, 2012, p. 8):

Com o objetivo de reestruturar a Europa através do aspecto racial, a maior parte da população do país foi transferida para campos nazistas, sofrendo humilhações. Os habitantes que permaneceram em suas casas foram obrigados a realizar trabalhos forçados e a se isolar em guetos.

O quadro dessa malevolência não poderia ter sido mais catastrófico — pessoas feridas, milhares mortas, países destruídos e pesadelos sem fim, estes foram os saldos negativos da guerra, não que tenha havido um lado positivo em toda a atrocidade generalizada que foi a Segunda Guerra Mundial. As lembranças, feridas e cicatrizes foram e ainda são companheiras constantes daqueles que presenciaram os atos perturbadores da Segunda Guerra Mundial de perto, como cidadãos condizentes ou não, ou ainda como as vítimas.

A consolidação do Nazismo, como já foi mencionado, contribuiu para os avanços às perseguições a quem era contra os seus princípios extremistas. Os homossexuais, ciganos e principalmente os judeus foram os alvos da caçada nazista. O Partido Nazista mantinha a população controlada através da fiscalização das informações, só era divulgado aquilo que o Partido permitia, e propagandas produzidas pelo próprio partido. O poder de Adolf Hitler era “supremo”, pois simbolizava a ordem política e social, e acima de toda e qualquer organização, ele controlava tudo a sua volta.

A literatura, a imprensa, o rádio e o cinema eram duramente supervisionados. Por meio das ações severas do Ministro da Propaganda do Reich, Joseph Goebbels, a liberdade de expressão e de escolha fora extinta. Os judeus, rigorosamente perseguidos, foram excluídos do jornalismo, do ensino, das atividades artísticas e literárias, em suma, da vida social. Os mesmos perderam direitos civis, como acesso a lugares públicos, e o casamento com um (a) ariano (a) era extremamente proibido, sendo punível como crime de profanação racial.

A partir de 1938, a violência contra os judeus tomou outras proporções; destruições de sinagogas, espancamentos, utilização obrigatória de sinais identificadores e proibição de saída da Alemanha. Porém, mesmo sem autorização, muitas pessoas conseguiram deixar o país, como Sigmund Freud, o pai da psicanálise, o escritor Thomas Mann, o físico Albert Einstein, entre outros. O regime nazista, já durante a Segunda Guerra Mundial, perpetrou a ação metódica de captura e extermínio dos judeus na Alemanha e países da Europa ocupada pelos alemães.

Aproximadamente 6 milhões de judeus foram mortos em campos de concentrações vítimas de genocídio, em câmaras de gás ou de fome. Em toda Europa, viviam cerca de 8 milhões de judeus, sendo que a maior comunidade, de 3 milhões, estava na Polônia, seguida de 800 mil na Romênia e 400 mil na Hungria. Por esse motivo, os principais campos de extermínio, como *Auschwitz-Birkenau*, *Treblinka* e *Sobibor*, localizavam-se na Polônia.

Muitas vezes o extermínio era omitido e alguns departamentos acreditavam que os prisioneiros levados para os campos de concentração eram apenas submetidos a trabalho em serviço aos nazistas. De fato, os que estavam em condições de saúde adequadas, prestavam trabalho escravo até quando agentassem ou participavam de “experiências” de novos medicamentos. Porém, crianças, velhos e doentes eram levados diretamente para câmaras de gás.

É dentro deste contexto de guerra que se passa a história da personagem de *A Menina que Roubava Livros* (2005<sup>8</sup>). Através das quase 500 páginas da obra do australiano Markus Zusak, vamos conhecendo os pequenos percalços pelos quais a personagem Liesel Meminger passou; seus anseios, fracassos, medos e descobertas. Em meio ao caos da Segunda Guerra Mundial, conhecemos Liesel Meminger, que perde um irmão, é levada pela mãe para um lar adotivo, onde uma família pobre a espera, e em certa ocasião esconde um judeu no porão. No entanto, é neste cenário que Liesel Meminger conhece verdadeiramente as palavras, seus significados e sua salvação.

Em síntese, *A Menina que Roubava Livros* é um romance sobre a vida de uma menina durante a Segunda Guerra Mundial, sua relação com os livros, e seus encontros com a Morte, cuja configuração, apesar de mórbida, dá fôlego à narrativa. A personagem, inserida em tal contexto, a princípio, parece frágil e ingênua, mas são estes aspectos que ajudam Liesel Meminger em seu crescimento pessoal ao longo da história, suas dúvidas fizeram-na questionar o mundo a sua volta, e as palavras foram o seu resgate. “Quando viesse a escrever sua história, ela se perguntaria exatamente quando os livros e as palavras haviam começado a significar não apenas alguma coisa, mas tudo”. (ZUSAK, 2010, p.31).

---

<sup>8</sup>Ano da primeira edição da obra, publicada na Austrália pela editora Picador. Todavia, a publicação utilizada na pesquisa corresponde a 2ª edição do ano de 2010, publicada pela editora brasileira Intrínseca.

Uma menina que desconhecia o mundo da leitura, perdida, sem informações relevantes sobre o que realmente acontecia a sua volta, pôde fazer sua vida evoluir apenas com livros, pois é a partir do momento em que Liesel Meminger é inserida no mundo da leitura que ela se revela. No entanto, como pôde Liesel Meminger, apenas com livros encontrar sentido para a vida em contraste ao caos e a violência? Qual o verdadeiro significado de ler para esta personagem? Conforme afirma Bloom (2001, p. 176 apud OLIVEIRA, 2010, p. 5) “Lermos romances como um tratamento contra a inércia”, porém o ato de ler para Liesel Meminger vai muito além da quebra de estagnação, ela ler, inicialmente, para entender o mundo e mitigar a saudade da mãe e do irmão que perdera.

Não é fácil sobreviver a uma guerra, vendo tudo e todos desabarem a sua volta, não é fácil amadurecer e encontrar algum sentido para a vida através de algo tão simples como livros, contudo Liesel consegue. Ler para a personagem significa descobrir-se, através das inúmeras páginas dos seus livros roubados, cujas histórias eram, muitas vezes, melhores, piores ou idênticas a sua situação, não importa, isso lhe traz um pouco de conhecimento e paz, ou até lhe serve como uma válvula de escape onde as histórias lidas, de certo modo, extraviava um pouco a sua atenção do mundo a sua volta, trocando uma realidade de guerra por outras mais aceitáveis, “literatura de ficção é alteridade e, portanto alivia a solidão”, conforme destaca Bloom (2000, p.15 apud OLIVEIRA, 2010, p. 5), e nos liberta das amarras e opressões imputadas pelas sociedades em constates desordens.

### **3. A MENINA QUE ROUBAVA LIVROS: FICÇÃO, CONTEXTO E REALIDADE**

Toda personagem de ficção é importante para o desenvolvimento de qualquer narrativa, mas é a personagem central responsável, na maioria das vezes, por produzir uma carga dramática mais expressiva que engloba a história narrada, uma vez que ela envolve a narrativa como um todo e, dificilmente, consegue-se separá-la dos acontecimentos, por isso Gancho (2011), afirma que a personagem é a responsável pelo fluxo dos fatos, e as características que as envolve são amplas, principalmente no que se referem as suas ações e o modo como são descritas

esses influxos dentro do seu contexto social e histórico, conferido a ela seu crescimento dentro da narrativa.

A história da personagem de *A Menina que Roubava Livros* é ambientada entre os anos de 1939 e 1943, integrada no cenário da Segunda Guerra Mundial, onde os conflitos surgem para desestabilizar o seu caminho. A trajetória de Liesel Meminger ganha força a partir de sua inserção no contexto que a cerca, os desafios e os enfrentamentos da menina dentro da conjuntura de embates da guerra alemã dão-lhe maior vivacidade e existência. Sobre essa notoriedade da personagem de romance, Bourneuf e Ouellet (1976) apontam que, os obstáculos enfrentados pelos personagens são responsáveis por medir sua força, coragem e habilidades, o que conseqüentemente, lhe confere livre-arbítrio de tornar-se real.

A trajetória de Liesel Meminger começa um pouco antes da sua chegada à Rua Himmel, na pequena cidade de Molching localizada nos arredores de Munique. A história de encontros e desencontros com a morte se dá, inicialmente, durante a viagem de trem rumo a Molching para encontrar os Hubermann, a família por quem será adotada, no entanto, uma tragédia acontece, culminando em seu primeiro “contato” com a Morte: seu irmão morre no caminho à Molching. Ao longo da guerra, Liesel ainda se depara duas vezes com a Morte e sobrevive, e é, portanto, no primeiro “encontro” com a Morte que Liesel rouba o seu primeiro livro.

Liesel Meminger tem uma vida comum, ou pelo menos o que se pode definir como comum em um contexto de guerra, pois suas tarefas diárias dividem-se entre futebol, pouca comida, juventude hitlerista, por esta tem verdadeira abominação, trouxas de roupas e livros, os livros roubados, estes, inicialmente, são objetos apenas de contemplação, uma vez que a mesma não sabe lê-los ainda, mas lhes confere grande interesse e curiosidade, conforme podemos constatar no seguinte trecho: “Ela não havia aprendido a falar muito bem, nem tampouco a ler, porque raras vezes frequentava a escola. A razão disso ela descobriria no devido tempo”. (ZUSAK, 2010, p. 24), a dificuldade com a fala revela o contexto de censura e opressão da Segunda Guerra Mundial, o silêncio imprime a repressão do poder, do controle e da ditadura da época.

O pai adotivo é o único que consegue ganhar o afeto e respeito de Liesel logo de início. Hans se mostra um herói amoroso, taciturno e gentil, é ele quem, ao descobrir *O Manual do Coveiro*, título do primeiro livro roubado pela menina, vai aos poucos inserindo-a no mundo da leitura, primeiramente lendo os livros para ela e

mais tarde com aulas noturnas no porão frio e escuro da casa. O pai da pequena não tinha muita afinidade com as palavras e nem era conhecedor do significado de todas elas, mesmo assim Liesel sentia um orgulho demasiado do papel do pai adotivo em sua educação.

Ao longo do percurso da vida de Liesel, outros personagens surgem para legitimar a sua constituição enquanto ser real, leitora e escritora como Rudy Steiner, seu primeiro amor, amigo fiel e companheiro de roubos. Ilsa Hermann, mulher do prefeito e cliente da mãe de Liesel, é responsável por apresentar o verdadeiro universo dos livros, quando abre a biblioteca da casa para a menina, e permite que Liesel desfrute de algumas horas ao lado dos livros enquanto lhe faz companhia silenciosa. É também graças a Ilsa que Liesel viria a escrever a própria história. E, por fim, Max Vandenburg, que cometeu um dos piores crimes que alguém poderia cometer na Alemanha nazista: nasceu judeu. De certa forma é através de Max que Liesel passa a entender a guerra.

A vida da menina é guiada pelos livros, não livros adequados à sua idade, mas cheios de letras, que aos poucos vão transformando-lhe em uma amante das palavras, mesmo sem entendê-las. “Ela era a roubadora de livros que não tinha palavras. Mas, acredite, as palavras estavam a caminho, e quando chegassem Liesel as seguraria nas mãos feito nuvens e as torceria feito chuva”. (ZUSAK, 2010, p. 72), é com os livros roubados que ela aprende a ler, mesmo com dificuldade, e com a ajuda precária do seu pai. Todavia, é essa dificuldade que lhe dá suporte para se aprofundar nos livros, indo muito além das histórias, aliás, as palavras que chegavam até Liesel, tiveram seus significados aprendidos a partir das próprias experiências.

Segundo a Morte, narradora da história, Liesel é “uma especialista em ser deixada para trás” (ZUSAK, 2010, p. 10), mas também uma lutadora. A narradora de *A Menina que Roubava Livros* desenvolve uma singela curiosidade sobre Liesel Meminger, e após encontrá-la em situações adversas o interesse pela menina cresce a cada encontro, e por isso resolve narrar a história anos depois do corrido, com a ajuda do diário de Liesel, perdido no último encontro das duas. A personagem e a narradora, embora pareça estranho associar, têm algo em comum que as liga especificamente: as palavras. Aliás, as palavras, dentro da obra, passam a ser também personagens, que estão em constante desenvolvimento.

Observa-se, portanto, que o narrador de *A Menina que Roubava livros*, ao contar a história, se assenta na experiência de si e do outro, conforme explica Benjamin (1985, p. 201), “o narrador retira da experiência o que conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros. E incorpora as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes”. O narrador é a entidade que conta a história, sendo assim, narrar não seria apenas contar, mas interpretar as próprias experiências e as de terceiros. As palavras ganham vida e significado a partir do momento em que a história passa a ser, não apenas um conjunto de acontecimentos, mas uma parte viva, um personagem propriamente dito, que experimenta o processo de transformação quando o narrador dá-lhe sentido mesclando suas experiências com as da personagem.

O autor de *A Menina que Roubava Livros* construiu uma ligação expressiva entre a personagem, o narrador e as palavras. A personagem com sua relação intrínseca com os livros, o narrador sendo um aconselhador que reflete e chama à reflexão, e as palavras como elemento conciliador capaz de transformá-las e uni-las, uma vez que, Liesel não era conhecedora de muitas palavras e de seus significados, mas as ansiava veemente. Assim, a Morte, sapientemente, usou as palavras para revelar aos leitores a história de Liesel Meminger, a roubadora de livros, de uma forma bucólica e poética.

A forma como a trajetória da menina é narrada expõe o diálogo entre história e literatura, e proporciona a circunspeção da construção do enredo. Deste modo, uma relação próxima entre história e ficção é inegável e necessária, uma vez que ambas são demonstrações da narrativa. Segundo o pensamento de Bulhões (2009, p. 22) *apud* Silva (2012, p. 2), “a ficção é baseada na realidade, apenas representando o que é conhecido”, portanto não se tratando inteiramente de uma mentira, mas de um retrato simulado da realidade, seguindo essa linha de raciocínio Silva (2012, p. 1) aponta que, “ao escritor, permite-se a criação de um mundo imaginário cuja descrição apela para as emoções de seu leitor”.

Os fatos que envolvem a personagem de *A Menina que Roubava Livros* centram-se inteiramente no contexto da Segunda Guerra Mundial, época em que o medo e a opressão imperavam, e as leis rígidas eram criadas e imputadas a todo custo. A Morte como narradora surge como elemento curioso que acaba chamando a atenção do leitor, pois além de se tratar de uma personagem jovem e inocente, Liesel Meminger constrói sua história em meios aos percalços que nem ela mesma

considerava ser capaz de ultrapassar. Para isto, ela se apropria das palavras, vence o medo e supera as adversidades dentro de um contexto em que a palavra exercia a força de poder e controle, pois os nazistas controlavam a mídia de um modo geral, além disso, Adolf Hitler era, sem dúvida, um grande orador.

Nesse quadro de guerra, entre as proibições e as atrocidades nazistas, estava o banimento de inúmeras obras literárias, que eram destruídas em grandes fogueiras. De acordo com Max Altman<sup>9</sup>, em 10 de maio de 1933, foram queimados na Alemanha milhares de livros. A maioria dos escritores que tiveram seus livros destruídos eram considerados “pouco alemães”, ou contrários ao regime nazista. As fogueiras aconteciam em praças públicas sempre antecedidas por discursos de oficiais do alto escalão, estudantes universitários, professores e reitores, onde frases de efeito eram proferidas e finalizadas com o tão fervoroso “*Heil Hitler*”. No ano de 1934, a “lista negra” crescera e já incluía mais de três mil obras proibidas pelos nazistas, e estima-se que cerca de 20.000 de livros foram queimados.

Em uma destas fogueiras, mais especificamente no dia do aniversário de Adolf Hitler, Liesel Meminger fora obrigada a participar, e é nesta ocasião que a narrativa tem seu momento de clímax, e Liesel sofre sua elucidação sobre quem é o *Führer*. Havia até então uma palavra que viera até Liesel sem significado, e a perseguia feito uma sombra, e que naquela noite passara a ter sentido absoluto: *Kommunist*; “aquela palavra estava sempre presente em algum lugar, parada na esquina, espeitando no escuro” (ZUSAK, 2010, p.32), e fazendo associações sobre o que via e ouvia quando ainda morava com os pais e o irmão, ela chega à conclusão de que tudo o que acontecera até ali estava ligado a Hitler.

A descoberta de Liesel e as associações que ela faz com o ditador nazista é o estopim para o seu primeiro vislumbre real sobre a guerra, e também a primeira vez que a menina sente algo tão feroz que a motivou a roubar seu segundo livro. O intervalo de roubo entre o primeiro e segundo livro somou exatamente 463 dias, porém a espera havia valido a pena, pois algo maior a guiava. Se por um lado sua vida havia sido tomada de si sem nenhum pudor, por outro ela sentia-se no direito que tomar alguma coisa de volta. Entretanto, este não é o maior golpe sofrido por Liesel Meminger, haveria outro, e este seria o grande catalisador para a sua própria

---

<sup>9</sup> Max Altman é jornalista, estudioso da política internacional, em especial da América Latina. Formou-se em 1960 na Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo. Atualmente escreve artigos para o site “Opera Mundi”, de onde a informação acima foi retirada.

evolução, como também uma oportunidade de saber quem, realmente, era além de uma roubadora de livros.

#### 4. A EVOLUÇÃO DE LIESEL MEMINGER SOB O PONTO DE VISTA SOCIAL

O romance de ficção é composto por personagens que possuem elementos próprios, como personagens mais diretamente relacionadas com o seu ambiente, os acontecimentos e as coisas, objetos, que as caracterizam, como também com a sociedade de sua época, transformando-as em personagens de referência. A personagem Liesel pode ser classificada como “referencial”, pois, recordando o termo de Brait (1985), definido por Philippe Hamon, personagens referenciais “são aquelas que remetem a um sentido pleno e fixo, comumente chamadas de personagens históricas”. Ou seja, são personagens que, de acordo com seu contexto e sua relação com o mesmo, não se consegue manter uma separação autônoma, pois de certa forma continuam ligadas entre si, inerentemente.

Em *A Menina que Roubava Livros* o vínculo criado entre a personagem e seus livros é intrínseco, já que Liesel e cada livro roubado mantêm uma relação associável e indissociável, não sendo possível pensar num sem o outro. É nesse sentido, que Bourneuf e Ouellet (1976, p. 204) ressaltam que, “mais ainda do que numa presença, a coisa pode tornar-se um elemento indissociável da personagem romanesca”. Ou seja, diante de todo o desenrolar da trama do romance de Markus Zusak, os livros são, de alguma forma, personagens dentro desta obra e estão ligados diretamente a Liesel Meminger.

Desta feita, uma obra literária é produzida atendendo inúmeros fatores desde estéticos a sociais, que advém de quem seja a personagem e de sua relação com o mundo. De acordo com Bourneuf e Ouellet (1976, p. 201) “a rede de relações a que pertence à personagem romanesca estende-se também aos lugares e aos objetos”. Sendo assim, além dos livros que são parte das características de Liesel, também podemos ressaltar o ambiente onde a personagem está inserida — a Rua Himmel, cenário de brincadeiras, descobertas, confusões, medos, lágrimas e livros, sendo este último, um dos responsáveis pelo conhecimento de mundo e crescimento pessoal da personagem Liesel Meminger.

Quando a personagem de ficção entra em conflito com o seu ambiente social e as pessoas que a rodeiam, torna-se um pouco mais real e suas características físicas e psicológicas ganham mais força, tornando-se o herói da narrativa, da sua história, disposta a ultrapassar seus limites e vencer os desafios, porém cabe a ela, e somente a ela, galgar os degraus que são postos em seu caminho, vencendo-os ou não, pois o seu maior inimigo é ela mesma, seu medo de fraquejar e suas dúvidas diante do seu contexto social, por isso “o herói de romance não se confronta apenas com os seus demônios interiores; integra-se numa sociedade e, nela, entra em posições violentas ou permanece marginalizado”. (BOURNEUF, OUELLET, 1976, p. 238).

Assim refletimos sobre Liesel, uma criança em plena Alemanha Nazista que, involuntariamente, torna-se ativa dentro do seu contexto social, em um momento de fúria ingênua e infantil, ao pronunciar com todas as letras o quanto odeia Hitler, toma conhecimento de quem realmente era o Führer e o que fizera à sua família. É neste mesmo momento que a menina abre mão dos seus objetos de afeição e entrar em discordância com sua própria vontade, pois mesmo amando os livros, passa a odiá-los, e decide escrever sua própria história, como um grito de independência diante da guerra, torna-se uma heroína disseminadora de palavras.

A força da palavra dentro do romance *A Menina que Roubava Livros* se evidencia de forma mais expressiva durante um dos ataques aéreos à Munique, momento em que Liesel e sua família seguem até o porão da casa de uma vizinha para abrigarem-se e protegerem-se da morte e, pela primeira vez, a menina sente o real poder de transformação das palavras, conforme observamos no fragmento abaixo:

Quando ela virou a página dois, foi Rudy que notou. Atentou diretamente para o que Liesel estava lendo e deu um tapinha no irmão e nas irmãs, dizendo-lhes para fazerem o mesmo. Hans Hubermann aproximou-se e convocou todos, e em pouco tempo uma quietude começou a escoar pelo porão apinhado. Na página três, todos estavam calados, menos Liesel. (ZUSAK, 2010, p. 332)

Em muitos momentos Liesel tem conhecimento do que realmente as palavras são capazes, ao longo da narrativa somos apresentados a uma menina habilitada a evoluir a cada dia, encontrando nas palavras a sua maior fonte de inspiração e força para continuar vivendo e ajudar as pessoas a sua volta, pois se naquele momento,

em que o caos e o medo imperavam, as palavras surgiram como uma distração eficaz contra a preocupação e o terror. Assim, podemos inferir que a evolução da personagem diante das adversidades e das suas descobertas é o que realmente legitima e caracteriza a coragem e o desejo de roubadora de livros para superar os conflitos e as incertezas.

Avaliando a personagem de ficção dentro daquilo que ela é, seu *interior*, ou seja, suas características psicológicas, temos em vista o conhecimento do seu estado emocional e psíquico, estes ligados diretamente as suas ações e questionamentos. Por outro lado, suas características físicas, o *exterior* da personagem de ficção, estão relacionadas com o ambiente e o estado em que a personagem se encontra, suas vestimentas e afins. Desta forma, “a apresentação das personagens a partir do exterior revelou-se frequentemente eficaz na literatura romanesca para dramatizar o conflito entre um indivíduo e a sociedade”. (BOURNEUF; OUELLET, 1976, p. 268).

A personagem aqui analisada possui características físicas e psicológicas de cunho peculiar, imprimindo qualidades e defeitos que abordam o contexto da obra através de suas vivências dentro da Segunda Guerra Mundial. A narradora nos apresenta as características da personagem de acordo com a narrativa e de fatos específicos, como em sua chegada à casa dos Hubermann, onde retrata a aparência decadente da menina: “Tudo nela era subnutrido, canelas que pareciam arame. Braços de cabide. A menina não produzia com frequência, mas, quando ele surgia, seu sorriso era faminto”. (ZUSAK, 2010, p. 31), mas aponta, também, alguns traços da sua personalidade forte, como podemos perceber no trecho seguinte:

Quando se aproximava da rua Himmel, numa precipitação de ideias, uma culminação de sofrimentos tomou conta dela — o recital falho do *Manual do Coveiro*, a demolição de sua família, seus pesadelos, a humilhação do dia —, e Liesel se agachou na sarjeta e chorou. (ZUSAK, 2010, p. 72, grifo do autor).

Como pode ser visto, não foi a situação pela qual passou que a fez explodir, exausta, em lágrimas, mas sim toda a carga dramática que a assolava até o momento que a levou ao sofrimento, por isso a menina se sente psicologicamente fragilizada. Assim, é possível percebermos que por todos os lugares pelos quais a personagem transita revelam um pouco de quem ela é, imprimindo, de certo modo,

uma carga dramática maior à história da menina que roubava livros, ao contexto da guerra e aos demolidores e aniquiladores de vidas humanas.

O drama vivido pela personagem durante a guerra e sua revolta contra Hitler, colocam-na diretamente em conflito com a sociedade alemã e, conseqüentemente, concede-lhe uma aura de heroína, que, mesmo em conflito consigo mesma, não se torna egoísta e passiva diante dos acontecimentos, mas influente e insurgente, mesmo que inconscientemente.

O desenvolvimento da personagem dentro da obra de ficção somente tem significado relevante quando analisamos sua construção — quem é, e o que faz —, pois cada personagem concentra em sua criação a alusão do real, conforme explica Candido (2011, p. 54, grifo do autor), ao afirmar que “não espanta, portanto, que a personagem pareça o que há de mais *vivo* no romance; e que a leitura deste depende basicamente da aceitação da *verdade* da personagem por parte do leitor”, assim, a personagem é, por conseguinte, um elemento de elo entre o contexto e a verossimilhança, pois dispõe da tarefa de atrair a atenção e a anuência do leitor em relação à narrativa.

Segundo Candido (2011), o romance tem como fundamento primário a afinidade que existe entre o ser real e o fictício, que é transporto através da personagem, e que tem como finalidade a sua consolidação. Deste modo, podemos dizer que a relação entre o real e a fantasia é de extrema importância para que uma personagem possua atributos verídicos, e sua trajetória dentro da obra seja classificada como autêntica e plausível, sem exageros de construção e dramatização. Assim, é coerente defender que Liesel está inserida dentro desta probabilidade do possível, pois suas características mantêm relação com o contexto da obra e o fator histórico, o qual serviu como pano de fundo, sem excessos, e comumente pertinentes.

A abordagem dos romances de ficção, bem como das suas personagens, como já foi citado, tem em vista a perspectiva de igualdade, sendo assim, fazendo uma abordagem mais sistemática, percebemos que a personagem do romance aqui analisado utiliza-se de fatores concretos para tornar-se verdadeira, fazendo escolhas e cometendo erros como um ser vivo, mostrando assim, seu lado fraco e rancoroso. Contudo, é preciso considerar quão forte é a personagem Liesel, pois enfrenta muitas adversidades durante a sua trajetória, o que provoca, de algum modo, um esgotamento emocional. Essa exaustão é revelada pela menina quando declara “um

coração de treze anos não devia sentir-se assim” (ZUSAK, 2010, p. 370), porém exterioriza aquilo que é próprio de todo ser humano, a capacidade de superação.

Outra questão que merece destaque no romance são as conexões entre realidade e ficção, pois assim como semelhanças, as diferenças também são essenciais para criar afinidades e o sentimento de verdade entre o fictício e o real. Lembrando que o romance de ficção não possui necessariamente a obrigação de parecer perfeita aos olhos do leitor, mas verdadeira dentro daquilo que a realidade consente, trazendo também aspectos menos atraentes, porém compostos de um sentimento ambíguo e razoável, assim como um ser vivo.

Tal veracidade da personagem pode ser comprovada no trecho abaixo, quando Liesel é incumbida por Ilsa Hermann, mulher do prefeito, a contar para sua mãe que não poderá mais pagar pela lavagem de roupa, Liesel se enfurece e ataca Ilsa com a arma que dispunha – as palavras:

Nessa hora, tornou-se vingativa e perversa do que se imaginava capaz. A ofensa das palavras. Sim, a brutalidade das palavras. Ela as pegou de algum lugar que só nesse momento reconheceu e atiro-as em Ilsa Hermann. (ZUSAK, 2010, p. 233).

É perceptível o modo ríspido como a personagem reage a uma situação adversa, menos singela, mas completamente autêntica, ela agora sabe como utilizar as palavras para se defender e proteger os seus pais. É nessa perspectiva que a personagem de ficção revela-se como um ser real, e reage de acordo com cada situação colocada diante de si, dando fôlego, assim, aos defeitos e às qualidades que lhes são atribuídas dentro das narrativas.

Sobre a construção da personagem de ficção, Candido (2011) destaca as particularidades, e afirma que a mesma “deve lembrar um ser vivo, isto é, manter certas relações com a realidade do mundo, participando de um universo de ação e de sensibilidade que se possa equiparar ao que conhecemos na vida”, destarte, considerando a evolução da personagem dentro da obra e suas atitudes para com o seu contexto e as pessoas que a cercam, podemos constatar que, esta deve ser correlacionada com como um ser que possui defeitos e qualidades, sendo passível de acertos e conquistas, assim como erros e fracassos considerando a verdadeira natureza humana.

Como aludido anteriormente, a personagem do romance *A Menina que Roubava Livros* demonstra uma veracidade íntegra dentro do contexto histórico e espaço de construção ficcional, sem ultrapassar os limites do real, e muito menos se delimitando a exageros de dramatização. Um ponto importante que devemos ressaltar também é que atitudes da menina estão conectadas com o ambiente da Segunda Guerra Mundial, ou seja, com a sociedade alemã. Sendo assim, o ambiente e a personagem estão ligados, sendo susceptível à análise. Dessa forma Candido (1980, p. 3) defende que “seria o caso de dizer, com ar de paradoxo que estamos avaliando melhor o vínculo entre a obra e o ambiente, depois de termos chegado à conclusão de que a análise estética precede considerações de outra ordem”.

Candido (1980, p. 7) aponta ainda que, ao analisarmos uma obra de ficção devemos identificar o comportamento da época em que a obra está inserida não apenas como efeito ilustrativo, mas como fator de construção artística do autor, seus pensamentos situados historicamente, para explicar a época de inserção da obra. Portanto, na obra literária um dos pontos mais importante de análise é o conjunto de fatores sociais, que visa focalizar o estudo de aspectos externos que envolvem o artístico e o literário em seus momentos diversos, pois, para Candido (1980), a literatura é também um produto social, não apenas uma representação de uma época, que não deve ser vista apenas pela óptica estética, mas social e contextual.

Toda análise deve ser feita sob vários aspectos, dos sociológicos aos psicológicos, desde que se chegue a um resultado coerente, respeitando os elementos sociais e estéticos através do equilíbrio. O texto e o contexto do romance devem ser vistos sob um ponto de vista panorâmico e único, sem separações, o interno (estética da obra) e o externo (social) se complementam, sem se sobrepor um ao outro, e em razão “Sabemos, ainda, que o *externo* (no caso, o social) importa, não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha um certo papel na constituição da estrutura, tornando-se, portanto, *interno*”. (CANDIDO, 1980, p. 4, grifo do autor).

Diante disso, entendemos que a fragmentação do romance de ficção tendo como planejamento a análise literária torna-se inviável, porquanto, a melhor maneira seria analisar a obra como um todo, tendo sempre o foco em determinado ponto, mas nunca descartando outros, levando sempre em consideração o estético e o social da obra. Seria inviável analisar a personagem de *A Menina que Roubava*

*Livros*, por exemplo, separando o contexto das características da obra em si, pois Liesel Meminger e o enredo estão unidos e complementam-se, a personagem somente faz sentido com o contexto e a ele pertence integralmente, sendo o contexto também dependente da personagem, pois sem ela apenas seria um amontoado de acontecimentos e elementos sem deferência.

De acordo com Candido (1980 p. 25), o “artista criador” – o autor da obra, “o que chamamos de arte coletiva é a arte criada pelo indivíduo a tal ponto identificado às aspirações e valores do seu tempo”, é essencial para que a compreensão do texto, ele é o responsável pelos acontecimentos e pelo enredo em que a obra está introduzida, sua vivência, aspirações e pesquisas serviram-lhe de inspiração para que tal obra fosse escrita. O autor da obra aqui analisada espelhou-se em acontecimentos reais para criar uma obra de ficção, porém sem exceder a realidade ou perder-se na fantasia, a personagem é real, pois vive em um universo que existiu de fato na história.

Assim, que o autor do romance *A Menina que Roubava Livros* compôs sua obra sem exageros, dentro da verossimilhança, respeitando a relação entre o contexto e a personagem, fazendo com que esta parecesse real. O sentido e realidade da obra literária são promovidos graças ao leitor, pois de certo modo o leitor é o espelho do autor, o contexto e as personagens de ficção somente ganham importância quando apresentadas aos olhos de um leitor. Eis aí um dos muitos fatores que possibilitaram ao leitor ser arrebatado pela personagem Liesel Meminger, cuja personalidade compacta e reveladora possibilita pensarmos na grandeza de sua coragem e da força em oposição a sua fragilidade de menina, pois mesmo diante do terror da guerra encontra nos livros e nas palavras a sua maior arma protestar, crescer e superar os medos.

## **5. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Frente ao que foi exposto ao longo das nossas reflexões, compreendemos a evolução e superação da personagem de *A Menina que Roubava Livros* a partir de sua composição, nuances e características tanto físicas quanto psicológicas. No decorrer da narrativa Liesel Meminger evolui e se revela em sua completude

intrínseca, tal qual certa gama de personagens romanesca de ficção. Os artifícios utilizados pela narradora da história, a forma de descrevê-la, demonstrando uma intimidade claramente indagadora e, sem dúvida, morbidamente poética, e isso nos impele a vê-la com “olhos” inegavelmente cuidadoso e críticos, pois as atitudes da menina e a força da diante do contexto da Segunda Guerra Mundial constituem o vigor da narrativa.

A personagem de Markus Zusak passou por provações adversas e sobreviveu a todas as catástrofes de um mundo em total desordem; paulatinamente a menina que roubava livros se fortalece e é transformada ao logo de sua trajetória graças as suas pequenas descobertas através dos livros. As palavras foram amadas e odiadas pela garota, mas, acima de tudo, serviram de instrumento para que a mesma pudesse compreender o mundo das pessoas grandes ao seu redor.

A bem da verdade, Liesel Meminger não escolheu nascer alemã, mas, sem dúvida, aproveitou o livre arbítrio para mostrar sua verdadeira face, ainda que ela mesma não conhecesse a si própria, porém cada dia ela fazia uma nova descoberta, e como isso exteriorizava sua raiva e revolta perante aquele que foi responsável pela miséria e morte de milhares de pessoas no mundo inteiro — o ditador Adolf Hitler.

O fato de a narradora do romance ser a Morte, personagem atuante na Segunda Guerra Mundial, imprime um quê de morbidez à história e, ao mesmo tempo, confere, também, uma súbita compreensão da menina diante da guerra, uma espécie de epifania cristalizada em cada descoberta e evolução de Liesel Meminger, que mesmo em meio às trevas encontra força, coragem e esperança para livrar-se da morte e dos perigos da guerra.

Portanto, podemos concluir que Liesel Meminger, ao caminhar pelas ruas de Monique, roubar livros, jogar bola, ler para aliviar seu sofrimento e ainda ajudar a um judeu, abrigando-o no porão, atuou como personagem representativa de sua história e de tantas outras crianças que viveram e viram de perto as atrocidades nazistas da época. A menina que roubava livros e aprendia com eles a ver o mundo, não sabia fazer ainda suas escolhas, percorreu caminhos tortuosos e obtusos, indignou-se, chorou, reclamou e utilizou as palavras para protestar contra os desmandos do homem, e aprendeu com o sofrimento a ser forte e superar o temor da guerra.

Diante disso, inferimos que a personagem atua como intermediadora entre o contexto e a narrativa, forçando-nos a participar da sua história, pois está inserida

em um contexto real, cujos medos e fracassos impregnados no que é ser humano, nos transporta para a realidade assustadora da menina, causando-nos em alguns momentos, os mesmos sentimentos de dor e perda

Esperamos que o tema aqui desenvolvido possa ser debatido e ampliado por outros leitores e pesquisadores, visto que a obra literária não se esgota e abre sempre outras possibilidades de leituras e descobertas. O romance *A Menina que Roubava Livros*, de Markus Zusak, é passivo de outras apreciações, tanto sob o ponto de vista social, tanto quanto mais estético. Assim, esperamos contribuir de alguma forma com o debate acerca da menina que teve a fase de sua infância-juvenil ofuscada pela guerra, e que roubava livros e aprendeu a ler a palavra e o mundo.

## **THE OVERCOMING OF LIESEL MEMINGER IN THE NOVEL “THE BOOK THIEF”: A READING FROM THE SOCIAL POINT OF VIEW.**

### **ABSTRACT**

The present work has like objective to reflect about the adversities and evolution of the trajectory of the character Liesel Meminger, inside of the contemporaneous novel “The Book Thief”, by the Australian writer Markus Zusak. Set in the context of the Second World War, whose fervor and unorganized social harried the world, history acquirere relief from the loss, suffering and overcoming of the girl. Of feature bibliographic and descriptive, the referent study was based on the theoretical orientations of Bourneuf and Ouellet (1976), Candido (1980-2011), Benjamin (1985), among others. The final result is that even in the face of the most fervent catastrophes, it is possible to reverse chaos and overcome fears. For this, it is necessary to count on the unrestricted wealth of humble people, willing to repray the human dignity and, principally, to project on books, because reading, in the specific case located in this novel, emerges as an instrument that liberates from the bonds and oppressions of a society in disorder.

**Key word:** Liesel Meminger. Social disorder. Overcoming

## REFERÊNCIAS

A. ARRUDA, José Jobson de; PILETTI, Nelson. O Nazismo. In: \_\_\_\_\_. **Toda a história: história geral e história do Brasil**. São Paulo: Ática, 2002, p. 358-363.

\_\_\_\_\_. A Segunda Guerra Mundial. In: A. ARRUDA, José Jobson de; PILETTI, Nelson. **Toda a história: história geral e história do Brasil**. São Paulo: Ática, 2002, p. 371-379.

BOURNEUF, Roland; OULLET, Réal. As personagens. In: \_\_\_\_\_. **O Universo do Romance**. Coimbra: Livraria Almedina, 1976, p. 197-279.

BRAIT, Beth. **A Personagem**. São Paulo: Ática, 1985.

CANDIDO, Antonio. A Personagem do Romance. In: \_\_\_\_\_. **A Personagem de Ficção**. São Paulo: Perspectiva, 2011, p. 53-80.

\_\_\_\_\_. Crítica e Sociologia. In: CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. Rio de Janeiro: Nacional. 1980, p. 3-15.

\_\_\_\_\_. A Literatura e a Vida Social. In: CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. Rio de Janeiro: Nacional. 1980, p. 17-21.

OLIVEIRA, Solinei de Maria de. **Do narrador no Romance A Menina que Roubava Livros e de Como Este Teria raptado O Leitor Contemporâneo**. Disponível em <[http://www.letras.ufscar.br/linguagem/edicao14/art\\_12\\_ed14.pdf](http://www.letras.ufscar.br/linguagem/edicao14/art_12_ed14.pdf)> Acesso em 04 de Junho de 2015.

SILVA, Shamilla O'hana Rodrigues da. **Infância na Alemanha nazista: Versões Fictícias de Uma História Real**. Disponível em <<http://gthistoriacultural.com.br/VIsimposio/anais/Sharmilla%20O'hana%20Rodrigues%20da%20Silva.pdf>> Acesso em 04 de junho de 2015.

SILVA, Gabriela. **A Menina que Roubava Livros: A Morte Pede a Palavra**. Disponível em <<http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/anais/XISemanaDeLetras/pdf/gabrielasilva.pdf>> Acesso em 04 de junho de 2015.

ZUSAK, Markus. **A Menina que Roubava Livros**. Tradução de Vera Ribeiro; ilustração de Trudy Whit. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2010.